

## “SOLDADOS DA BORRACHA” – ESQUECIDOS OU NÃO LEMBRADOS?

Gilson Laone **PEREIRA**<sup>1</sup>  
PUC/RS  
gilsonlaone@gmail.com

**Resumo:** *Este trabalho propõe uma interpretação sobre o modo de vida dos “soldados da borracha”, que foram brasileiros que atuaram na Segunda Guerra Mundial. Eles foram recrutados pelo governo brasileiro, que, aproveitando-se dos problemas enfrentados pelos nordestinos, recrutaram milhares deles para irem para região amazônica trabalhar na extração do látex, que seria exportado para os Estados Unidos para dar suporte ao governo e aos aliados da guerra. Com a entrada dos americanos na guerra, e com a tomada da Malásia pelo Japão, que estava com a hegemonia da borracha naquele período, o Brasil era o único capaz de fornecer esta matéria-prima. Dentro da atuação brasileira na Segunda Guerra estiveram em cena mais de 70 mil soldados, cerca de 25 mil integrantes da Força Expedicionária Brasileira, e um pouco mais de 55 mil soldados, atuando na extração do látex. Por meio da cultura material, podem-se identificar informações sobre o modo de vida dos soldados da borracha nos seringais no Norte do Brasil que confirmaram as intensas adversidades encontradas.*

**Palavras-chave:** Borracha. Recrutamento e Problemas enfrentados.

**Abstract:** *This article proposes an interpretation on the way of life of the “soldiers of the rubber”, which were Brazilians who had acted in the Second World War. They were recruited by the Brazilian government, which is taking advantage of the problems faced by northeasterners; recruit thousands of them to go to the Amazon working on the extraction of latex, which would be exported to the United States to support the government and its allies in the war. With the entry of the Americans in the war, and with the taking of Malaysia by Japan, who was with the hegemony of the rubber during that period, Brazil was the only one able to provide this material. Within*

---

<sup>1</sup> Mestrando do programa PPG em História da PUC/RS.

*the performance Brazilian in Second War were on the scene over 70 thousand soldiers, about 25,000 members of the Brazilian Expeditionary Force and a little more than 55,000 soldiers who served in the extraction of latex. By means of material culture can identify information on the way of life for the soldiers of the rubber in the rubber plantations in the north of Brazil, It confirmed the intense adversity found.*

**Keywords:** *Rubber. Recruitment and Problems encountered.*

### **Introdução**

O Brasil atuou ao lado dos americanos na segunda grande guerra, enviando tropas para os campos de batalha na Itália, mas dentro de seu território atuaram grandes personagens dando suporte ao poderio bélico. Esses soldados trabalharam na extração do látex, fornecendo matéria-prima para a produção de borracha, que era imprescindível para o êxito das tropas, sejam para pneus dos carros, mangueiras automotivas, calçados, botes infláveis, material isolante, entre uma série de outras utilidades da borracha.

Dentro desta participação, estiveram em cena mais de 70 mil soldados, cerca de 25 mil integrantes da Força Expedicionária Brasileira, e por volta de 55 mil soldados, que atuaram na extração do látex. A participação destes dois efetivos ocorreu de forma muito distinta, por exemplo, diferentemente da atuação dos expedicionários. Para os soldados da borracha, a guerra não acabou em 1945, mas perdurou por décadas.

A adaptação a esse novo ambiente, para esses soldados da borracha, foi muito difícil. Tiveram de se adaptar para sobreviver, pois inúmeras eram as mudanças, como a geografia e, principalmente, o clima, para a maioria vinda do Nordeste. Essa situação, aliada aos intensos trabalhos na floresta extraíndo látex, somente agravava o estado biológico dos soldados, que se dedicavam a muitas horas de trabalho.

Este trabalho não pretende focar na guerra, nem em toda complexidade política que regeu todo este processo, mas identificar

novas informações sobre o modo de vida dos soldados da borracha, por meio da cultura material. Trata-se de uma interpretação que terá por base evidências materiais que foram encontradas em antigos seringais localizados na região de Porto Velho, que guarda gerações de descendentes dos “soldados da borracha” que recordam do período do ciclo da borracha e que hoje estão bem-adaptados à região, e nela se identificam.

### **1 Decadência da borracha**

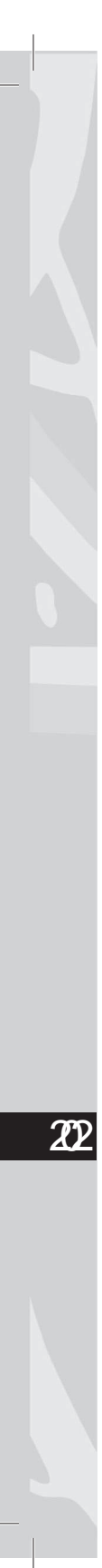
Para tentar uma maior compreensão sobre a atuação dos “soldados da borracha” na Segunda Guerra, teremos que entender como se deu o processo de decadência da borracha no cenário mundial.

Desde 1913, a produção de borracha nos seringais amazônicos havia sido superada pela produção nos seringais cultivados da Ásia, continente que, nos anos subsequentes, assumiu rapidamente a hegemonia isolada no setor (MORALES, 2002).

Os ingleses haviam levado sementes de seringueira para a Malásia, onde lá aclimataram a espécie que se adaptou bem e muito rapidamente, não necessitando assim de muitos custos na produção, o que fazia o látex chegar ao mercado com um melhor preço do que o brasileiro.

Deste modo, passaram a criar concorrência com a borracha do Brasil. O Japão, nas preliminares da guerra, ao tomar a Malásia, deixa os ingleses e os aliados sem a matéria-prima, e, desta maneira, a solução seria o investimento na importação e produção da borracha no Brasil, que fora soberana em seu primeiro ciclo. Warren Dean, em seu trabalho, *A luta pela Borracha*, diz que após o início da Segunda Guerra Mundial, o quadro se agravou:

*A deflagração da guerra na Europa proporcionou à economia industrial dos Estados Unidos tremendos problemas de fornecimento, sendo o de borracha o mais crítico. Não haviam sido feitas reservas de borracha,*



*embora alguns funcionários governamentais tivessem previsto a escassez. Descobriu-se que as companhias químicas americanas não tinham uma idéia clara sobre a produção de borracha sintética, pois se deixaram enganar por seus parceiros de cartel alemães (DEAN, 1989, p. 131).*

Este quadro levou o governo americano, ao entrar na Segunda Guerra, a buscar soluções, pois eles tinham uma pequena reserva de borracha que seria suficiente para menos de um ano de combate. Os americanos tinham em mente também a produção de borracha sintética, mas teriam que conhecer mais o processo produtivo, bem como a seringueira e o manuseio do látex.

A Rubber Reserve Company, criada pelos Estados Unidos em 1940, já havia iniciado o envio de técnicos para conhecerem o Brasil, pois Cytrinowicz (2000) diz que o envio era para sondar as possibilidades e fazer experiências no Norte do Brasil, especialmente para aumentar a produtividade e encontrar uma forma de resistência ao mal das folhas, que acometia as seringueiras (DEAN, 1989, p. 133).

Esta situação colocaria os EUA frente a frente com a solução de dois problemas: a aquisição de borracha para dar suporte aos conflitos da Segunda Guerra, e ter o acesso à Amazônia, que era, e permanece até os dias de hoje, muito cobiçada por sua grande diversidade florística. Para isso acontecer, os americanos firmaram com o Brasil uma parceria, assinando os Acordos de Washington, em que eles entrariam com o dinheiro, fazendo grandes investimentos na extração do látex, construindo na região amazônica toda uma estrutura para gerenciar este processo, e o Brasil seria o responsável pelo envio de pessoas para trabalharem nesta campanha.

Com estes acordos, o Brasil se comprometia ainda a “exportar exclusivamente a sua produção de borracha para os Estados Unidos por um período de cinco anos e tendo como contrapartida um preço mínimo prefixado” (CYTRINOWICZ, 2000, p. 221).

O acordo foi bom para o Brasil (governo), e para os EUA, pois, em vez de um problema, Getúlio resolveu três, que tratavam da produção de borracha, o povoamento da Amazônia e uma solução para a crise provocada pela seca no Nordeste. Desta maneira, 'A Batalha da Borracha' combinou o alinhamento do Brasil com os interesses americanos e o projeto de nação do governo Vargas, que previa a constituição da soberania pela ocupação dos vazios territoriais.

## 2 Campanha

O presidente Getúlio Vargas, com o envio dos “soldados da borracha” para o interior da Amazônia, não estava somente interessado na extração do látex, mas também visava a entrada na região amazônica e ao preenchimento no que chamava de “vazio geográfico do Brasil”. Os EUA, ao assinarem os Acordos de Washington, demonstravam-se interessados somente com a borracha brasileira, mas, na realidade, também tinham o interesse em conhecer e desbravar a Amazônia, sendo este um interesse antigo na busca pela produção de borracha sintética.

Souza Costa, ministro de Getúlio Vargas, foi quem participou das negociações da assinatura dos acordos com o governo americano, mas não soube aproveitar a situação favorável em que o Brasil se encontrava, pelo fato de ser, naquele momento, o único fornecedor de borracha que poderia dar suporte aos EUA e aos aliados. Segundo Martinello (2004), se tivesse ido em seu lugar Osvaldo Aranha, as negociações teriam sido diferentes, mas isso poderia ir contra o governo de Getúlio, que cultivava um hábito de manter certo equilíbrio de poder em seu gabinete. Martinello, sobre isso diz o seguinte:

*Se Aranha somasse o triunfo da conferência do Rio de Janeiro com mais o sucesso da viagem aos Estados Unidos, seu prestígio poderia extrapolar os limites do desejado e até mesmo atropelar os futuros planos políticos de Vargas. (MARTINELLO, 2004, p. 102-103).*

Desta maneira, o escolhido foi Souza Costa, atuando muito passivamente nas negociações, não sabendo se aproveitar da situação favorável em que o Brasil se encontrava, pois era o único fornecedor possível naquele momento.

Foram criados órgãos que seriam responsáveis para o recrutamento para esta Campanha, como o SEMTA (*Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia*), que era uma instituição federal custeada com dinheiro americano, localizada em Fortaleza, junto ao Palácio do Comércio.

Foi uma campanha movida pela propaganda, que prometia outra perspectiva de vida, em que o previsto era um trabalho em nome da pátria, por tempo determinado, com devido reconhecimento como militar, remunerações, aposentadoria, enfim, ao final da guerra, os “soldados da borracha” receberiam tratamento como soldado.

### 3 Recrutamento

No Ceará, foi criado o centro de operação de guerra que incluía o recrutamento e o transporte para os seringais de milhares de nordestinos. Como a região do nordeste brasileiro estava passando por uma grande seca, que havia sido mais forte no ano anterior, deixando a maioria da população desamparada naquilo que diz respeito à subsistência, vivendo na miséria e sem muita perspectiva de mudança, o maior efetivo recrutado era da região seca.

Naquele momento, os nordestinos não tinham muitas opções, ou eles lidavam com a mendicância na capital, lutavam nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial, enfrentavam a seca no Ceará ou se aventuravam na Floresta Amazônica.

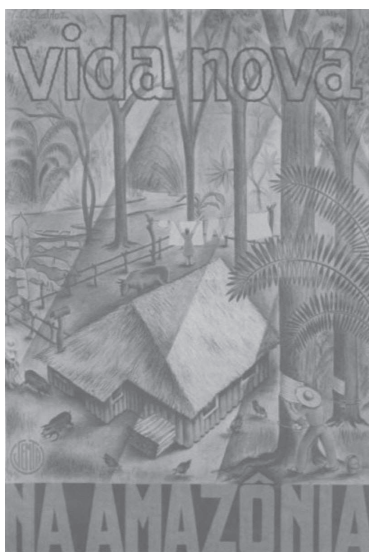
A propaganda foi determinante no processo de recrutamento, sobre a qual muitos souberam por meio dos cartazes e *folders* que eram distribuídos ao longo das localidades.

O convite ao suíço Jean Pierre Chabloz, que chegou a Fortaleza em 1943, convidado para atuar como responsável pela propaganda da “Campanha da Borracha”, fez parte dos esforços do governo Vargas para cumprir os acordos estabelecidos com o governo dos Estados Unidos no ano anterior (MORAES, 2010). Como Chabloz era pintor e desenhista, entre algumas das atividades que dominava, transferiu-

se para trabalhar como cartazista da campanha. Ele elaborava cartazes que idealizava como seriam os locais a serem ocupados pelos soldados da borracha, fazendo um apelo ilustrativo, mas o problema é que ele não conhecia as regiões que desenhava, sendo imaginada a partir daquilo que os militares lhe passavam.

Ele representava, nos cartazes, paisagens muito bonitas, passando uma imagem de um “falso paraíso”, o que chamava a atenção de todos os jovens. Isto, aliado a falsas promessas de regresso e reconhecimento após o término da guerra, fez com que muitos jovens se iludissem, realizando, assim, o recrutamento.

Chabloz fez, ainda, um mapa biológico de trabalhadores, em que desenhou os biótipos nordestinos (MORAES, 2010, p. 24), como eram e como se apresentavam, podendo perceber o mais trabalhador; o mais fraco; o mais preguiçoso; o que melhor se adequava aos planos da campanha da borracha. E partindo destas informações, os soldados eram recrutados ou descartados.



CHABLOZ, Jean-Pierre (concepção) – Cartaz Vida nova na Amazônia - 1943  
Litogravura - 100 x 66 cm - Museu de Arte da UFC (MAUC)  
Procedência: COSTA, Pedro Eymar Barbosa; GONÇALVES, Adelaide  
(Org.). *Mais borracha para a vitória*. Fortaleza: MAUC/NUDOC; Brasília:  
Ideal Gráfica, 2008, p. 84.

Dentro dessas condições de recrutamento, os alistados recebiam um kit básico para os trabalhos e para sobrevivência, composto de uma calça de mescla azul, uma blusa de morim branco, chapéu de palha, um par de alparcatas de rabicho, uma caneca de flandres, um prato fundo, um talher, uma rede, uma carteira de cigarros Colomy e um saco de estopa. De suas regiões, eles se concentravam em Fortaleza, de onde embarcavam em navio em direção a Manaus.

#### **4 A preparação**

Antes do início das atividades na floresta, os alistados eram obrigados a realizar atividades físicas como preparatório militar, mas eles vinham do sertão, e o que mais eles possuíam era vigor físico, pois esse era um requisito necessário para suportar a vida no Nordeste. Recebiam instrução de como extrair o látex, com os “professores dos soldados da borracha”, muitos dos quais eram remanescentes do primeiro ciclo da borracha e detinham este conhecimento.

#### **5 Problemas**

As pessoas que foram enviadas para a extração do látex não estavam preparadas para tal atividade, pois a grande maioria veio do nordeste brasileiro, uma área muito seca, onde detinham outro tipo de adaptação ao ambiente. Esses nordestinos estavam acostumados com temperaturas elevadas e vegetação escassa, mas onde podiam se perceber no ambiente. Porém, chegando à região amazônica, encontraram uma realidade bem diferente, e tiveram que aprender a viver em uma floresta.

Ariadne Araujo realizou um trabalho levantando informações sobre o modo de vida dos “soldados da borracha”, baseado em




oralidade, demonstrando diversas realidades, como a do senhor José Pereira da Silva, 64 anos, que mora em Fortaleza, a capital onde nasceu o pai dele. Hoje ele não corta mais seringa nem conseguiu a aposentadoria como “soldado da borracha”. Mas os vestígios da vida de soldado estão em toda parte. Em um dos quartos da palafita em que mora, às margens do rio, ele guarda as peles de onça-pintada que matou com sua espingarda nas madrugadas de retirada de látex. *“Foram mais de 20. Nunca tive medo delas. A carne eu trazia para a mulher fazer a comida pros meninos”* (ARAUJO, 2008, p. 4).

O problema com animais foi outro grande fator determinante neste novo cenário de vida dos “soldados da borracha”, os quais tiveram que aprender a se defender de onças, jacarés, que ficam mais próximos na época das chuvas, onde muitas áreas ficam inundadas, que trazem também as cobras, entre uma série de outros animais perigosos, que toda aquela complexidade florística abrigava.

Pelo alto índice de mortalidade que se verificou entre esses trabalhadores, reportado em cerca da metade do contingente que foi enviado à selva para extração da borracha, é inegável que o risco a que se submeteram é semelhante ao do soldado que foi para frente de batalha na Segunda Guerra Mundial. É o que diz Renata Baars, consultora legislativa da área XXI, da Previdência e Direito Previdenciário, em seu estudo comparativo entre os Direitos dos “Soldados da Borracha” e dos Ex-Combatentes da 2ª Guerra Mundial.

Ao falar no assunto, só se tem dados incompletos sobre o modo de vida dos “soldados da borracha”, sem uma maior reflexão sobre estas doenças relacionadas com o dia a dia. Este foi o principal objetivo do artigo, que visa encontrar indícios por meio da análise da cultura material sobre o modo de vida dos soldados da borracha.

No Brasil, a Amazônia possui características geográficas e ecológicas que são altamente favoráveis à interação do plasmódio e



do anofelino vetor, constituindo-se, portanto, numa área de alto e médio risco de infecção da malária (MARQUES; GUTIERREZ, 1994, p. 91-108). Diante desta situação, os soldados da borracha encontravam-se em péssima situação, pois haviam recebido somente uma rede para dormir, e como a transmissão da maioria das doenças desta região se dá por meio da picada de mosquitos, não lhes restava muita proteção sob a cobertura de palhas que geralmente eles construía como abrigo. “E pensar que o número de mortes por malária em Manaus era no mínimo de um por dia...” (MARTINELLO, 2004, p. 125).

A contaminação da malária pode ser concretizada também por meio de agulhas contaminadas, pois os soldados recebiam vacinas, e, provavelmente, o compartilhamento de agulhas deveria ser uma prática, pois um soldado não poderia deixar de ser atendido pela falta de uma seringa, em que o reaproveitamento deve ter sido frequente, auxiliando na propagação da doença. A precariedade dos acessos dificultava a mobilidade nestas regiões, que tinham os rios como o principal meio de deslocamento e escoamento da produção da borracha.

Outra doença enfrentada pelos soldados da borracha foi o Beribéri, que é uma doença resultante de carência nutricional, causada por deficiência de tiamina, que, apesar de facilmente tratável, pode levar a óbito (PADILHA, 2011). Esta doença pode ainda afetar o coração, resultando em uma cardiomiopatia, uma doença no músculo do coração, caracterizada por hipertrofia ventricular esquerda, na ausência de outras causas de aumento da massa miocárdica. É considerada a principal causa de morte súbita cardíaca em jovens (MEDEIROS, 2006).

A oralidade nos revelou, através do senhor Valdemar Andrade de Almeida, antigo seringueiro, filho e genro de “soldado da borracha”, que a vida era muito difícil, pois ele nasceu em meio ao processo de extração do látex. Ele revelou que seu avô trabalhou

na preparação dos “soldados da borracha”. *“Meu avó veio para região em 1914, meu pai nasceu aqui, e quando os soldados da borracha chegaram aqui, meu pai já tava aqui, e na carteirinha dele tá professor do soldado da borracha. Meu pai se chamava João Eronildes de Almeida.”* Ele relatou um episódio de morte repentina de seu primo. *“Meu primo, Antônio Aquiles de Almeida, morreu com 17 anos de idade. Ele chegou em casa e subiu em uma árvore, colheu uns frutos, e quando ele desceu desta árvore, tirou a camisa e caiu morto de repente”*. Este fato foi confirmado com o encontro do túmulo deste seu primo, com a data de seu nascimento e de sua morte.



Túmulo encontra-se no local



A. A. A., representam as iniciais de Antônio Aquiles de Almeida, primo do senhor Valdemar



Nascido em 1948 e falecido em 7 de Agosto de 1965

Estes são relatos que confirmam a problemática da floresta por que, provavelmente, os “soldados da borracha” também passaram, pois estes fatos ocorreram após o período de extração com os “soldados da borracha”, mas que a realidade dos seringais pouco se modificou desde o seu primeiro ciclo, na virada do século passado.

## 6 Arqueologia nos seringais

Atualmente, em áreas no norte do país, local onde se passaram parte deste ciclo de extração do látex, encontram-se, em áreas privadas e muitos locais devidamente preservados, pequenos contextos escondidos em meio à vegetação, guardando muitas informações de como se dava a vida cotidiana dos “soldados da borracha”. Segundo Ian Hodder (1987), “*o significado da organização do assentamento e descarte só podem ser derivados do contexto (presente e passado) dentro do qual o uso do assentamento e o descarte de artefatos ocorreram*”. Dentro desta perspectiva de Hodder (1987), pode-se recriar, com base nos vestígios, um pouco do contexto dos antigos seringais.

## 7 Resultados

Os principais aspectos evidenciados por meio da cultura material foram a desuniformidade nas ocupações, em que, pela análise das estruturas bases dos seringueiros, o processo construtivo evidenciado não demonstra nenhum padrão, em que cada estrutura apresentou uma forma de construir, usando diferentes matérias-primas. Isso demonstra e confirma o fracasso na implantação deste projeto por parte do governo, que conseguiu suprir as necessidades da guerra e dos aliados, mas ocupou a região Norte de uma maneira desordenada, levando a óbito muitos brasileiros.



Diferentes processos construtivos foram evidenciados, com a utilização de matérias-primas diversas. Uns com tijolos maciços, outros com aglomerações de pedra.

O consumo de bebidas alcoólicas foi um traço bem marcado pela cultura material, em que a bebida deveria ser uma das poucas saídas para superar os inúmeros problemas enfrentados diariamente, e este também é um ponto de vista pouco citado, quando se fala no assunto.

Foram identificadas áreas de descarte em todos os seringais analisados, composto principalmente de garrafas, que se apresentavam geralmente em pequenas aglomerações. Esta apresentação demonstra um grande consumo de bebidas alcoólicas, talvez para diminuir a pressão psicológica e também usadas como repelente contra os insetos.



Fotos demonstram uma grande quantidade de garrafas



A cultura material ali existente pode apresentar vestígios das rotas estabelecidas neste período, como da Cantina Antunes, localizada em Caxias do Sul

O consumo de bebidas alcoólicas foi evidenciado e pode estar aí uma relação com algumas doenças como o beribéri. A tiamina é uma vitamina hidrossolúvel do complexo B (B1), e entre as causas associadas à deficiência dessa vitamina, destaca-se a alimentação monótona, com base no consumo de arroz polido, ingestão elevada de carboidratos simples e consumo de bebidas alcoólicas, segundo Padilha (2011). A redução da ingestão do álcool é importante, já que este dificulta a absorção da vitamina.



Frascos de remédios e de perfumes

O problema das doenças foi identificado por meio dos inúmeros frascos de remédios encontrados em todos os seringais, sendo esta uma prática na área para tentar salvar, não as pessoas em si, mas o processo de extração do látex. A utilização de perfumes talvez não fosse somente para perfumar, mas poderia ser utilizada também como repelente, para afastar os insetos.

## Conclusão

Diante de todo este jogo de interesses entre o governo americano e o brasileiro, o certo é que os mais prejudicados foram os brasileiros, não os governantes, ou os pracinhas, mas os “soldados da borracha”, que tiveram de enfrentar não somente um inimigo, mas vários. Não era como atirar em inimigos que se podiam perceber nos campos de batalha, mas lutar contra inimigos invisíveis, como os insetos, principais responsáveis pelas doenças das florestas; contra os índios que viam na borracha outro significado, não comercial, mas cultural, e contra si mesmo nas questões psicológicas que surgiam diariamente em território desconhecido.

O trabalho que eles foram realizar era para ser um trabalho por tempo determinado, mas que, ao final dos conflitos, foram sendo abandonados e o trabalho foi se transformando em vitalício. Estes soldados foram enganados desde o início, quando o governo se aproveitou da situação em que os nordestinos se encontravam frente a seca que vinha se estendendo nos últimos anos, utilizando como ferramenta a propaganda, mas com propostas totalmente enganosas, a fim de levar esses jovens para a região amazônica e atuarem em prol da nação, com a ilusão de mudar seu próprio destino.

Os soldados da borracha, na verdade, não foram esquecidos, mas sim, não são lembrados, pois são testemunhas vivas de um projeto fracassado, sem perspectiva futura, pois Getúlio alegava que além da extração da borracha, estes soldados iniciariam a ocupação do norte do Brasil, mas isto nunca foi demonstrado, pois toda produção gerada era única e exclusivamente para exportação, não havendo investimentos na infraestrutura da região, apenas para dar suporte aos trabalhos, visando somente àquele momento.

Os “soldados da borracha” não recebiam nenhum auxílio, e toda produção era canalizada para fora do país, sendo que a borracha dava suporte aos americanos e ao governo brasileiro, mas estes não davam suporte para os trabalhadores, que deveriam focar somente nesta monocultura. Isso provocava uma deficiência na diversidade



de alimentos, fazendo com que eles se alimentassem praticamente de produtos enlatados.



As setas indicam as latas de alimentos evidenciadas em mais de um seringal

O que se pode afirmar também, é que, com todo este quadro adverso, os soldados que foram, sobreviveram e se perpetuaram naquelas regiões mais de uma geração, criaram uma intensa relação com a floresta, onde eles aprenderam a viver por lá, e de lá não querem sair.

Como seria a reação do país se os integrantes da Força Expedicionária Brasileira fossem abandonados nos campos de batalha após o término da guerra? Acredito que a situação seria muito diferente, pois os expedicionários estavam tendo uma visibilidade para o cenário mundial, enquanto os soldados da borracha estavam lá no meio da floresta.

O modo de vida ao qual foram submetidos estes soldados era de extrema dificuldade. Do ponto de vista visual, a floresta amedrontou durante muito tempo, mas eles souberam e também tiveram de se adaptar, e isto pode ser visto na ocupação atual das regiões onde se

podem encontrar inúmeros descendentes destes nordestinos que vieram para cá para mudar a sua história e também a deste país.

## REFERÊNCIAS

---

ARAUJO, Ariadne. **Primeira Versão**, ANO VII, Nº 233 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2008. VOLUME XXIII

BAARS, Renata. **Comparação entre os Direitos dos Soldados da Borracha e dos Ex-Combatentes da 2ª Guerra Mundial**. Brasília, 2009.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo Durante a Segunda Guerra Mundial**, 1964.

DEAN, Warren. An Appreciation, **Occasional Papers**: New York University Center for Latin American and Caribbean Studies, n. 48, 1989.

HODDER, Ian. The Meaning of Discard: Ash and Domestic Space in Baringo. In: KENT, Susan (ed). **Method and Theory for Activity Areas Research – An Ethno archaeological Approach**. New York: Columbia University Press. 1987.

MARQUES, A. C.; GUTIERREZ, H. C. Combate à malária no Brasil: evolução, situação atual e perspectivas. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 27 (supl. III), p. 91-108, 1994.

MARTINELLO, Pedro. **A batalha da borracha: Na Segunda Guerra Mundial**, 2004.

MEDEIROS, Paulo de Tarso Jorge, FILHO Martino Martinelli, ARTEAGA Edmundo, COSTA Roberto, SIQUEIRA Sérgio, MADY Charles, PIEGAS Leopoldo Soares, RAMIRE José Antonio Franchini - **Cardiomiopatia hipertrófica: importância dos Eventos Arrítmicos em Pacientes com risco de morte Súbita**,

Instituto do Coração do Hospital das Clínicas – FMUSP, Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia - São Paulo, 2006.

MORAES, Ana Carolina Albuquerque de. Jean Pierre Chabloz e a Campanha de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (1943): cartaz estudo preliminar em confronto. VI EHA - **ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE**. Campinas: UNICAMP, 2010.

MORALES, Lúcia Arrais. **Vai e vem, vira e volta**: as rotas dos Soldados da Borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2002.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo: estilhaços de uma guerra. In: COSTA, Pedro Eymar Barbosa; GONÇALVES, Adelaide (Org.). **Mais borracha para a vitória**. Fortaleza: MAUC/NUDOC; Brasília: Ideal Gráfica, 2008.